

Ah, sim! Todo o Machadozão, porque emente eu estou, vez ou outra, lendo de Assis. Acho que todo mundo deve permanentemente. De sua adolescência Machado de Assis, isso é um se renova sempre. Cada leitora que se chado representa sempre uma descende eu estive lendo, não integral-rem trechos de biografias de Machado.

Viana Filho, Lúcia Miguel Pereira, Cordeiro Basto, cujo depoimento tem porque ela conheceu pessoalmente e Assis, Mário Mattos, José Natello, os, enfim, do nosso escritor maior. e acida, para tomar justamente os finais, a versão de cada um deles, estive no arquivo da Academia Brasileira, onde há muita coisa. Tive em ginal do Memorial de Aires, que foi o dele, você sabe. Ele tinha uma curiosidade em papel almaço e saltava uma ra um original limpo, bonito, claro, a correspondência dele. Tive manuseio também na Biblioteca Nacional repercussão da morte dele. O famoso Lucides da Cunha, que hoje consta da pleta, é um texto realmente exemplar. cado no dia seguinte à morte do no "Jornal do Comércio". Eu me isso, E, é claro, eu tinha que estabele-que no decor da coisa, certas situações âneas a Machado.

E quanto ao romance, é o próprio que o narra?

Não, o narrador sou eu, privilegiado, visão única de tudo. O que pretendi sta do Memorial do Fim, e ele confessa escrito, ele pretendeu fazer um pastilo machadiano, o andamento da narra-ção, certos aspectos, digamos, das hesitações. Isto de fato eu ousei, como se o próprio Machado de Assis quem Machado de Assis, isso é um se renova sempre. Cada leitora que se chado representa sempre uma descende eu estive lendo, não integral-rem trechos de biografias de Machado.

E quanto ao romance, é o próprio que o narra?

Não, o narrador sou eu, privilegiado, visão única de tudo. O que pretendi sta do Memorial do Fim, e ele confessa escrito, ele pretendeu fazer um pastilo machadiano, o andamento da narra-ção, certos aspectos, digamos, das hesitações. Isto de fato eu ousei, como se o próprio Machado de Assis quem Machado de Assis, isso é um se renova sempre. Cada leitora que se chado representa sempre uma descende eu estive lendo, não integral-rem trechos de biografias de Machado.

editor dessas obras clássicas de Machado, objeto de um volume também recentemente publicado. E é um gênio literário. Acho que foi o maior escritor brasileiro. Não houve nada parecido. Agora, explicar isso? Ele foi um autodidata, foi um menino pobre, nascido num morro do Rio de Janeiro. Isso é sabido, qualquer pessoa sabe. E nunca deixou de estudar. Já estava com 68, 69 anos de idade, e estudava alemão e grego. Há cadernos de exercícios dele de alemão, de grego, isso denota o grande interesse intelectual dele, que abrangia a música. Era frequentador do Clube Beethoven do Rio de Janeiro. Tinha cadeira cativa. Era íntimo das óperas, da música erudita. Toda essa cultura musical perpassa na obra dele. Costumam apontar que a obra dele se divide em duas partes. Este seria um dos mistérios. A primeira parte, de romances sobretudo, seriam os romances, entre aspas, menores. A Mão e a Luva, Iaiá Garcia, Helena...

P — Ressurreição...

HM — Ressurreição, exato. E a partir de um dado momento ele estoura com as Memórias Póstumas de Brás Cubas e os romances subsequentes, até Memorial de Aires. É curioso que isto tenha acontecido numa das viagens que ele fez, talvez a única viagem maior que ele fez, que foi ao município de Friburgo. Ele foi para acompanhar a mulher, Carolina, que estava doente, e passou uma temporada em Friburgo. Quando retornou, a obra dele tomou uma outra direção. Por quê? Não sei. Ares de Friburgo? (risos). Acho que por muitos e muitos anos ele vai atravessar gerações com a sua obra permanentemente viva.

P — Você escreveu Memorial do Fim no computador, a exemplo de seus últimos livros?

HM — Não, eu me obriguel a retornar a um velho processo já afastado do meu próprio processo de escritor, que seria escrever manuscrito. Exatamente porque eu pretendi copiar, entre aspas, o estilo de Machado. Eu me obriguel a escrever manuscrito, para poder não mentar parte, a obra dele tomou uma outra direção. Isso é sabido, qualquer pessoa sabe. E nunca deixou de estudar. Já estava com 68, 69 anos de idade, e estudava alemão e grego. Há cadernos de exercícios dele de alemão, de grego, isso denota o grande interesse intelectual dele, que abrangia a música. Era frequentador do Clube Beethoven do Rio de Janeiro. Tinha cadeira cativa. Era íntimo das óperas, da música erudita. Toda essa cultura musical perpassa na obra dele. Costumam apontar que a obra dele se divide em duas partes. Este seria um dos mistérios. A primeira parte, de romances sobretudo, seriam os romances, entre aspas, menores. A Mão e a Luva, Iaiá Garcia, Helena...

P — Ressurreição...

HM — Ressurreição, exato. E a partir de um dado momento ele estoura com as Memórias Póstumas de Brás Cubas e os romances subsequentes, até Memorial de Aires. É curioso que isto tenha acontecido numa das viagens que ele fez, talvez a única viagem maior que ele fez, que foi ao município de Friburgo. Ele foi para acompanhar a mulher, Carolina, que estava doente, e passou uma temporada em Friburgo. Quando retornou, a obra dele tomou uma outra direção. Por quê? Não sei. Ares de Friburgo? (risos). Acho que por muitos e muitos anos ele vai atravessar gerações com a sua obra permanentemente viva.

P — Você escreveu Memorial do Fim no computador, a exemplo de seus últimos livros?

HM — Não, eu me obriguel a retornar a um velho processo já afastado do meu próprio processo de escritor, que seria escrever manuscrito. Exatamente porque eu pretendi copiar, entre aspas, o estilo de Machado. Eu me obriguel a escrever manuscrito, para poder não mentar parte, a obra dele tomou uma outra direção. Isso é sabido, qualquer pessoa sabe. E nunca deixou de estudar. Já estava com 68, 69 anos de idade, e estudava alemão e grego. Há cadernos de exercícios dele de alemão, de grego, isso denota o grande interesse intelectual dele, que abrangia a música. Era frequentador do Clube Beethoven do Rio de Janeiro. Tinha cadeira cativa. Era íntimo das óperas, da música erudita. Toda essa cultura musical perpassa na obra dele. Costumam apontar que a obra dele se divide em duas partes. Este seria um dos mistérios. A primeira parte, de romances sobretudo, seriam os romances, entre aspas, menores. A Mão e a Luva, Iaiá Garcia, Helena...

momento, nenhum romance. Agora, na entre fra, eu sempre estou escrevendo, ou o meu priu diário — diário de escritor, exercícios de ção —, ou pequenos contos. Já escrevi, depois Memorial do Fim, um conto, "O Hotel". T muitos contos inéditos que poderão ser reun em volume. A Marco Zero provavelmente editar este livro no próximo ano. Tenho novela de 70 páginas que escrevi imediatamente depois do Cabelos no Coração. Mas, no momê nao tenho nenhum projeto de romance.

P — Dos seus diários você já nos deu mostra no livro Senhoras & Senhores, não?

HM — Exatamente, são pedaços do diário. Como esse eu tenho uns dez ou quinze volumes publicar. Estou trabalhando nisso.

P — Sou testemunha da riqueza de detalhes contidos nesses diários, inclusive com trechos reveladores sobre a sociedade paranaense. Você pensa em publicar em breve esses textos?

HM — No momento não, porque não tenho tido tempo de me deter no diário. Terá ser de ser reescrito.

P — Será uma obra alentada, não?

HM — Ah, mas sem dúvida. Esse di resultou exatamente de um processo criado máquina de escrever, inicialmente, e, hoje computador. Afinal de contas, o computador uma máquina de escrever metida a besta. A eu escrevia a lápis, depois a caneta esfere fica, quando a inventaram. Esse diário foi idealizado por mim, para eu criar um procu um ritmo, dessa passagem da prosa manus para a datilográfica. E ele continua nas entre-fracas. Eu nunca estou parado, este é o segredo, creio eu. E sempre me esqueço frente, o que acho uma virtude. Não releo romances do ano passado. Cabelos no Cora para mim já está extremamente distante, esqueço Patroni, que esta é a figura má Pará. Acho que Filipe Patroni foi a figura n que já surgiu no Pará. Ao Patroni voltarei, sei quando, mas voltarei.

HM — No momento não, porque não tenho tido tempo de me deter no diário. Terá ser de ser reescrito.

P — Dos seus diários você já nos deu mostra no livro Senhoras & Senhores, não?

HM — Exatamente, são pedaços do diário. Como esse eu tenho uns dez ou quinze volumes publicar. Estou trabalhando nisso.

P — Sou testemunha da riqueza de detalhes contidos nesses diários, inclusive com trechos reveladores sobre a sociedade paranaense. Você pensa em publicar em breve esses textos?

HM — No momento não, porque não tenho tido tempo de me deter no diário. Terá ser de ser reescrito.

P — Será uma obra alentada, não?

HM — Ah, mas sem dúvida. Esse di resultou exatamente de um processo criado máquina de escrever, inicialmente, e, hoje computador. Afinal de contas, o computador uma máquina de escrever metida a besta. A eu escrevia a lápis, depois a caneta esfere fica, quando a inventaram. Esse diário foi idealizado por mim, para eu criar um procu um ritmo, dessa passagem da prosa manus para a datilográfica. E ele continua nas entre-fracas. Eu nunca estou parado, este é o segredo, creio eu. E sempre me esqueço frente, o que acho uma virtude. Não releo romances do ano passado. Cabelos no Cora para mim já está extremamente distante, esqueço Patroni, que esta é a figura má Pará. Acho que Filipe Patroni foi a figura n que já surgiu no Pará. Ao Patroni voltarei, sei quando, mas voltarei.

P — Dos seus diários você já nos deu mostra no livro Senhoras & Senhores, não?

HM — Exatamente, são pedaços do diário. Como esse eu tenho uns dez ou quinze volumes publicar. Estou trabalhando nisso.

P — Sou testemunha da riqueza de detalhes contidos nesses diários, inclusive com trechos reveladores sobre a sociedade paranaense. Você pensa em publicar em breve esses textos?

HM — No momento não, porque não tenho tido tempo de me deter no diário. Terá ser de ser reescrito.

# HAROLDO MARANHÃO

## E A CRÍTICA



# RESENHA SOBRE *OS ANÕES*

Haroldo Maranhão:  
o vencedor do José Lins do Rego

Nana Garcez

A UNIÃO, São Paulo, 07.03.82 (da sucursal de Brasília)

- Não há ainda condições de se viver apenas de literatura no Brasil. Infelizmente os editores não acreditam em escritores nacionais.

Esta é uma das afirmações feitas pelo escritor Haroldo Maranhão, que obteve o primeiro lugar no Concurso José Lins do Rego, promovido pelo Governo do Estado da Paraíba, através da Secretaria de Educação e Cultura. Durante a entrevista de mais de duas horas, na Sucursal de A UNIÃO em Brasília, aonde está residindo há pouco mais de um ano, ele abordou diversos temas ligados à cultura e à produção cultural do país, referindo-se sempre à importância da realização de concursos literários e à existência de suplementos como o Correio das Artes, que a seu ver chegam a ter mesmo uma função didática junto aos jovens.

Haroldo Maranhão irá à Paraíba, a convite do Governo do Estado, para receber o prêmio do Concurso José Lins do Rego, cuja entrega não tem ainda data definida pela Diretoria Geral de Cultura, estando prevista para o próximo mês. Sua obra será lançada pela Editora José Olympio, com a co-participação do Governo do Estado. Ele possui vários livros já publicados, como *A Estranha Xicara: Histórias Curtas* (1968), que resultou de uma epígrafe de Carlos Drummond de Andrade: "os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara"; *Chapéu de Três Bicos* (contos editados em 1975); *Vão de Galinha* (lançado em 1979), e o último, *A Morte de Haroldo Maranhão*, cuja distribuição em nível nacional será feita este mês de março.

Foi também premiado em diversos concursos nacionais: Prêmio Guimarães Rosa, em 1980; do Instituto Nacional do Livro, com *As Peles Frias*; o Prêmio Mobral, com *Flauta de Bambu* (contos e crônicas), e no ano passado pela União Brasileira de Escritores (UBE), de São Paulo, com o livro *A Morte de Haroldo Maranhão*.

*Os Anões* é um romance à clef. Sua ação desenvolve-se em Belém do Pará, no período de 50 a 60, tendo como pano de fundo a implantação do Projeto Jari. Não há começo, meio e fim. Este se prolonga no próprio leitor. Tem uma abordagem política. Janari corresponde a Jari e Wolfgang é Ludwig.

Assim Haroldo Maranhão descreveu a obra com a qual ganhou o Concurso José Lins do Rego. Ele começou a escrever este livro em novembro de 1980, quando ainda morava no Rio de Janeiro; no começo de 1981, mudou-se para Brasília e os trabalhos foram suspensos, retomados após sua adaptação nesta cidade, e concluídos em maio, pouco antes do término das inscrições.

Para ele, este prêmio é muito importante, principalmente porque tem como patrono José Lins do Rego. Na sua opinião, os concursos literários representam uma oportunidade para os escritores publicarem suas obras. "Os altos custos industriais da produção de um livro, que estão cada vez mais caros, tornam realmente difícil a qualquer escritor ter um livro publicado", declarou Haroldo Maranhão.

Haroldo acha que os concursos literários funcionam como meio de viabilizar a publicação dos seus escritos. "Uma pessoa escreve para ser lida. E como? Eu escrevo um romance de 300 páginas, que vai custar no mínimo Cr\$1.000,00 e mais o custo industrial. Além disso, o respaldo de um prêmio de concurso abre as portas para uma editora".

Contou o escritor que apoiado no prêmio do Concurso Guimarães Rosa, que ganhou com o livro *O Tetranelo D'El-Rey* (O Torto: suas idas e vindas), a Editora Francisco Alves bancou a obra e a lançará em abril próximo o mesmo acontecendo com *As Peles Frias*, premiado em dezembro passado pelo Instituto Nacional do Livro, sendo co-editado pelo INL e pela Francisco Alves. No caso do Concurso José Lins do Rego, ao que parece o Governo do Estado publicará na José Olympio. Segundo ele, esta é a chance que o romance tem de sair de casa, das gavetas. "Depois de tanto sofrimento, porque para mim escrever é um sofrimento, e o livro não ser lido? Quando a gente escreve, quer saber como vai repercutir, ser entendido".

Ele considera que os Governos Estaduais, a exemplo da Paraíba, devem ter uma parcela de seus recursos destinados a estimular a literatura: "Há em João Pessoa um movimento cultural e literário ativo. Há a própria A UNIÃO, com o Correio das Artes, numa época em que os suplementos literários acabaram. A cultura nunca é vista. Fica sempre à margem, como uma coisa secundária", disse ele, que no seu tempo de jornalista, quando era redator-chefe de *A Folha do Norte*, em Belém, editava um suplemento literário que tinha como colaboradores Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Wilson Martins, Mário Faustino, Benedito Nunes, Manoel Bandeira, Murilo Mendes, Ivo, Marques Rebelo e Álvaro Lins.

Ele explicou que nessa época, na década de 40, iniciava-se uma nova fase, promovendo a profissionalização dos escritores; assim todos os seus colaboradores eram pagos por seu trabalho. “Era uma inovação. Me bato muito pela profissionalização. Sou contra o amadorismo. Eu mesmo só publico quando sou pago”.

Contudo, Haroldo Maranhão deixou o jornalismo como uma atividade regular em 1961, quando mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se colaborador do suplemento literário do Diário de Notícias, que era editado por Álvaro Lins. Atuava nesta época como escritor, publicando crônicas, e ao mesmo tempo trabalhava no Sasse — o Serviço da Previdência Social da Caixa Econômica Federal —, como advogado, profissão que exerceu até a extinção do órgão em 1977, ano de sua aposentadoria.

A seu ver a atividade jornalística atrapalha o desenvolvimento do escritor, pois absorve muito tempo. Esta sua reclamação é, alias, muito comum entre os escritores que trabalham no jornal, pois precisam sobreviver e no Brasil não se vive apenas de literatura, com raras exceções.

“Eu escrevo diariamente. Tenho que me libertar. Aliás, não entendo um escritor que o faz somente aos domingos. É amadorismo. E sou contra o amadorismo e o diletantismo, que atrapalham” — declarou ele. Durante quatro anos, no período de 1977 a 1981, Haroldo Maranhão só escreveu, uma terrível e dramática tentativa de recuperar o tempo perdido. “Deixei de fazer aquilo que detestava, para me dedicar ao que mais gostava que é escrever”, concluiu ele, explicando que teve muitas profissões na sua vida. Atualmente é assessor particular do Ministro-Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, mas seu orgulho é em dizer a sua verdadeira profissão: escritor.

Para ele, o que é confortador são os escritores brasileiros relativamente jovens, como Ignácio de Loyola Brandão e Márcio de Sousa, que estão sendo publicados no Exterior, e até mesmo ele, que está com um livro sendo traduzido para o inglês.

Segundo ele, seu medo era de que este livro fosse lançado primeiro no Exterior e depois no Brasil, como aconteceu com Zero, de Loyola Brandão, publicado pela primeira vez na Itália e posteriormente no Brasil. “O que é uma vergonha. Os editores brasileiros não acreditam no escritor nacional. É necessário o reconhecimento externo. Eles preferem a edição de best-sellers internacionais”.

Haroldo Maranhão gosta da música, clássica principalmente. “A música está sempre impregnando o que escrevo. O ritmo é muito importante”, afirmou ele. Ao falar do *Tetraneto D’El-Rey*, ele disse que neste livro redescobriu a linguagem dos séculos XVI e XVII, mas sua leitura é esotérica ou hermética. Para ele, a língua portuguesa é muito rica e o vocabulário que está sendo usado é muito pobre. Além disso os livros estão cheios de lugares-comuns.

Confessando-se inimigo número um da televisão, fez severas críticas a este meio de comunicação de massa, que está acabando com as peculiaridades regionais, padronizando a linguagem e modo de comportamento, e assim as regiões estão perdendo as suas características específicas. “Contudo, a imprensa melhorou muito, com a tecnologia avançada. Mas a função do copydesk torna, às vezes, o produto pasteurizado, uma coisa uniforme e padronizada”, comentou o escritor, lembrando que no seu tempo de jornalista os textos tinham marcado e os redatores eram mais humanos, e “hoje não: a imprensa é fria, impessoal, objetiva”. Esta transformação não lhe parece positiva. Ele contou que quando o Zepellin passou por Belém, esta notícia “foi uma coisa deliciosa, carregada de emoção”. Afirmou que o pauteiro, “que representa a perseguição pela notícia, ou mesmo os cursos de Comunicação, não substituem o repórter instintivo, que capta a notícia sem se prender ao seu setor”.

A sua obra premiada na Paraíba é dedicada a Mário Faustino e Dalcídio Jurandyr, ambos escritores do Pará. O livro é composto de 29 capítulos, e tem pouco mais de 200 páginas.